



## Do afeto à paixão (a representação freudiana e o bem-dizer de Lacan)<sup>1</sup>

Marcus André Vieira

**Resumo:** Reproduz o texto “A letra e o elã”, mas acrescenta uma introdução à reflexão de Lacan sobre a ética e psicanálise além do exame da relação estabelecida por ele entre ética e paixão.

**Palavras- Chave:** afeto, emoção, paixão, ética.

Costuma-se dar grande valor à emoção que sobe à cabeça. “É mais forte que eu”, ouço-me dizer ao enveredar por estranhos caminhos e infringir minhas próprias regras de conduta. Tudo em nome da crença de que o coração, com relação ao pensamento e à razão, seria emissário da verdade mais verdadeira.

Jacques Lacan recusa estes direitos ao afeto e nos adverte de que, apesar de dizer a verdade, ele engana. Paradoxo? Apenas aparente. Desdobrar este paradoxo a partir da leitura original que empreende Lacan das indicações de Freud sobre o afeto é o objetivo desta apresentação.

### A verdade do afeto

“Estou triste” significa “há sofrimento”. Mesmo que um ator force suas lágrimas, que sua representação seja péssima, caso a tristeza se apresente será sempre triste. Esta é a verdade do afeto. Ele é o que é. “É da essência de um sentimento ser percebido pela consciência”, diz Freud. Pode haver dúvida sobre suas origens, pode ser que seja desconhecido o que determina e sustenta um sentimento. Podemos não saber, muitas vezes, porque choramos, sempre sabemos que estamos tristes.<sup>2</sup>

O afeto engana, porém, ao levar a crer que nos conduziria a nossos mais profundos e verdadeiros desejos, do animal no homem, por exemplo. Para Lacan o sentimento também mente - não nos conduz a uma verdade mais básica e real que a das palavras.<sup>3</sup> A verdade com que lidamos em uma análise não é deste tipo; não é um sentido, nem este, primitivo, nem o fiscalista, de uma energia vital que nos levaria adiante. Uma análise não é busca de um significado primordial, mas a invenção de um modo de lida singular com o que da vida não tem nome. Dito nos termos de Lacan, o real é fora do sentido.

---

<sup>1</sup> Este texto retoma parte do percurso do curso livre do ICP, *Paixões em análise*, ministrado na EBP-Rio em 2010 que, por sua vez, foi uma retomada do percurso de meu livro *A ética da paixão* (Rio de Janeiro, JZE, 2001). Parte de suas considerações foram publicadas em *Latusa n. 15*, Rio de Janeiro, EBP-Rio, 2010.

<sup>2</sup> Freud, S. *ESB*, vol. XIV, pp. 203-206.

<sup>3</sup> Lacan, J. *O Seminário, livro 15* inédito, lição de 19/2/68 e Cottet, S. “La belle inertie, Note sur La dépression em psychanalyse”, *Ornicar?* Vol. 32, p. 74.

É preciso, então, revirar nossos hábitos mentais quanto ao mundo do sentimento. O afeto, propõe Lacan, “vem ao corpo” e não provém dele. Não é primordial, mas secundário. Efeito no corpo de um dizer, ele é “secretado” pelo discurso.<sup>4</sup>

É a retomada lacaniana da sentença definitiva de Freud: “não há afeto inconsciente”.<sup>5</sup> O inconsciente é discurso, ainda que fragmentário e disperso. Por isso Lacan remete à retórica de Aristóteles e não à sua física para o que de mais seguro ele indicou sobre os afetos. O inconsciente produz afetos, mas não os contém. Não é habitado por eles e sim por representações, complexos associativos, que Lacan retoma com sua teoria do *significante*.

O termo flutua em francês entre adjetivo e substantivo. Lacan o torna unicamente substantivo, pois com ele visa o suporte material da significação. Uma boa tradução poderia ser “significativo”, aquilo que tem a força própria de um registro, como um nome próprio, por exemplo, mas que não tem em si necessariamente sentido.<sup>6</sup>

### Representação

Uma análise avança descobrindo o quanto a vida que se tem não cabe na vida que se leva. Freud denomina *pulsão* essa exigente presença sem corpo, na morada do eu. É um conceito mítico, segundo ele, exatamente por nomear aquilo que acontece fora dos limites do dizível. A hipótese freudiana do inconsciente sustenta, porém, que apesar deste real não ser representável, tomado pelo sentido, ele pode se fazer, aqui e ali, *representar*. Dessa forma, um significante representa a pulsão sem guardar com ela nenhuma relação de semelhança, ele o faz, segundo Lacan, ao modo dos diplomatas que representam seu país. A representação freudiana não é *mimesis*.

O inconsciente é feito, portanto, de susto, mas igualmente de encontro com a força da pulsão se apresentando, intensa, em pedaços de fala, o que leva Lacan a defini-lo como “hiância e texto”. Este texto é o do saber inconsciente. Apesar de estar conosco, recusa-se a dormir, dócil, em nossos guardados da memória, ao alcance da mão, pois é feito de pedaços de lembrança não encampados pelo eu, não assumidos na primeira pessoa. Não tem a espessura da subjetividade, exatamente por guardar um “a mais” de vida que teima em não se inscrever no campo do compreensível. São fiapos de histórias, fotos amareladas, brilhos caleidoscópicos, coisas que não conseguimos esquecer sem, no entanto, poder dizer que realmente as vivemos, fragmentos de sonhos de nomes e de sabores.

E o afeto? Ele também foi definido por Freud como representando a pulsão. Ele também guarda relação com o modo como a pulsão se apresenta em análise. Como real da vida, ela nem sempre cabe em nossas vidas, às vezes excede e colide com as rotas de uma existência. Quando este real se apresenta, quando a vida fica “fora de si”, os afetos vêm tomar para si a intensidade do vivido fazendo-o retornar ao senso comum. Em lágrimas, riso ou outros moldes afetivos pré-estabelecidos, estão sempre à disposição para escoar um tanto de tudo o que não tem cabimento. É o que se definiu tradicionalmente como *catarse*, *purgação*.<sup>7</sup>

<sup>4</sup> Cf. Lacan, J. O Seminário, livro 20, Rio de Janeiro, JZE, p. 190, 132, 149; Freud, S. *Edição Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, 1900-1969 (no que segue, *ESB*) vol. V, p. 620; e Vieira, M. A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001 (referida no que segue como *EP*), p. 50.

<sup>5</sup> Freud, S. *ESB*, vol. XIX, p. 36. Cf. tb. *EP*, p. 51.

<sup>6</sup> Um parêntese: Onde vivem essas representações? A melhor resposta é “não importa”. Se quisermos trabalhar no veio clínico aberto por Freud, basta nos contentarmos com o fato de que a memória do homem é espantosa, estranhíssima. Dispenseemos uma teoria acabada sobre nossos arquivos que, de tão complexa, leva sempre a um número sem fim de paradoxos e questões. Só é preciso assumir que a constelação de representações que costumamos denominar *ego* será perturbada, forçada a se recombinar com os fragmentos de si que se apresentam, como um enxame, quando nos deixamos navegar nos fios associativos de uma análise.

<sup>7</sup> Os padrões de manifestação afetiva estão no Outro e não no real (cf. Miller, J. A., “Sobre os afetos na experiência analítica”, *As paixões do Ser*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1998, p. 38). Sobre a “catarse” cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 7*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 297 e tb. Vieira, M. A. *Restos*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, verbete “Catarse”).

No entanto, é exatamente esta “conversão” afetiva, nos termos de Freud, que nos afasta do essencial na análise, que não caminha em direção ao sentido de uma verdade, mas a um real fora do sentido. Adotemos, para deixar mais claro, um de seus nomes mais conhecidos, *singularidade*. O afeto nos afasta da singularidade, é um empuxo ao universal. Ele faz o corpo vibrar no diapasão dos modos de sentir que ganhamos quando entramos na cultura.<sup>8</sup>

Nossas maneiras de chorar e sorrir são recebidas por nós, já prontas, juntamente com os desejos e romances que nos constituem. Se esse *kit*-cultura fornecido pelo Outro fosse um filme, o afeto seria sua trilha sonora. Nele, os sentimentos agem como o coro do teatro grego, sustentando, nos termos de Lacan, um “comentário emocional” da ação.<sup>9</sup> Eles modulam, amplificam, suavizam; enfim, tanto encarnam quanto amortecem o absurdo de nosso destino, a profunda contingência de que somos feitos. O coro afetivo em nós realiza, como em um bloco de carnaval, o paradoxo de estarmos ao mesmo tempo o mais próximo possível de nosso corpo agitado e, fundidos na massa, o mais distante do real sem nome que nos habita.

Vejamos como.

### Emoção

O ponto de partida, ainda pré-analítico, é o par *temor* e  *piedade*. Façamos nossas as definições aristotélicas destes afetos, que atravessam os séculos estabelecendo-os como “tremer por si” e “tremer por outro”. Com elas Lacan traduz os efeitos sobre o corpo da relação que batiza imaginária ou especular. O temor e a piedade traduzem, mais que qualquer outro, o modo como somos afetados pelo semelhante. Reservemos para eles o termo *emoção*.<sup>10</sup>

Não se trata de classificar os sentimentos de pena e medo como imaginários, mas de torná-los paradigmáticos. Chamaremos, por definição, de emoção, dentre tudo o que o semelhante secreta em nós, aquilo que com ele se inicia e nele se esgota. Dos tantos sentimentos de que dispõe o dicionário afetivo do Outro, estes são os que mais tipicamente o realizam. Afinal, se não posso imaginar o perigo, se não posso concebê-lo como objeto, à minha frente, não posso temê-lo. É o que, inclusive, distingue o medo da angústia e do pânico. Por outro lado, se não posso me identificar com quem sofre, não me compadeço, por mais brutal que isso pareça. É exatamente essa capacidade de identificação imaginária com as situações expostas que seleciona o que vai ou não para a manchete do jornal e faz com que milhares de mortos na África muitas vezes ocupem menos espaço que as atribulações dos vizinhos do bairro. Por isso Lacan define o temor e a piedade como afetos do que denomina “mundo dos bens”, espaço das trocas e das demandas, do pão-pão, queijo-queijo cotidiano.<sup>11</sup>

É bem verdade que no homem nada se reduz completamente à relação especular e às emoções que provoca. A atualidade demonstra, porém, que é possível desconsiderar as diferenças a ponto de esquecê-las, tal como nas aproximações técnicas entre o homem e o rato de laboratório. É o caminho da psicologia científica que faz de nosso sentimento e daquele do

---

<sup>8</sup> Para os afetos como conversão, como “acessos histéricos fixados na espécie”, Cf. Freud, S. *ESB*, vol. XX, p. 156 e Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 714 e *EP*, 106.

<sup>9</sup> Lacan, J. *O Seminário, livro 7*, p. 305.

<sup>10</sup> Esta definição incorpora o aspecto do movimento, enfatizado por Lacan quanto à emoção no *Seminário 10* e permite distingui-la da paixão. Enquanto uma é movimento com relação ao Outro tomado como totalidade a outra não (Cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 10*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 20). “Lacan empenha todos seus esforços em distingui-los [emoção e afeto] e desloca o afeto em direção à paixão, precisamente a paixão da alma. Esta é uma orientação totalmente decisiva” (Miller, J. A. *op. cit.*, p. 37). Cf. tb. *EP*, p. 160. Para a definição do temor e da piedade cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 7*, p. 297.

<sup>11</sup> Lacan, J. L. *Op. cit.*, p. 297. “Identificação” é utilizado aqui no sentido de que se serve Freud para definir a identificação no teatro (cf. Freud, S. *ESB*, VII, p. 325).

macaco um só.<sup>12</sup> Esquece que assim procedendo, apesar de adquirirmos conhecimentos palpáveis sobre nosso sentimento – que passa a poder ser abordado por comparação, examinado, reproduzido e medido – nos perdemos dessa coisa desregulada e estranha que nos habita, o mais humano em nós, sempre em ruptura com o que se possa conhecer ou sentir.

### Paixão

Nem tudo é emoção, portanto, pois nem tudo no sentimento é imaginário. Há a *paixão*. A distinção entre emoção e paixão, absolutamente essencial, é tornada explícita por Jacques-Alain Miller em seu comentário do ensino de Lacan definido como *orientação lacaniana* e a seguiremos à risca.

Ela será definida como o que mobiliza nosso corpo a partir de algo mais do que a imagem do outro. A ênfase posta nestes imprecisos “algo mais” da existência, motor maior do tratamento analítico, afasta as considerações fisiológicas e suas objetivações por quantificação, assim como por comparação analógica.

A paixão não se esgota no que se vê mesmo quando é claramente desencadeada pela imagem, como no amor à primeira vista. Esta paixão fulminante terá para Lacan como cena emblemática o encontro de Werther com Lotte, definido por ele como “fascinação” ou “captura imaginária”.<sup>13</sup> O amor à primeira vista não existe sem a visão de uma imagem que fixa e arrebatada. Mas a captura amorosa parece atrelada a algo que insiste em um além ou aquém da imagem. Seriam as dobras do vestido de Lotte? Ou os pedacinhos de pão que ela distribuía às crianças a seu redor? Esses e outros divinos detalhes são rastros desse além e parecem concentrar mais do acontecimento que a própria imagem do amado. Na *paixão*, novamente por definição, diremos que há sempre um ponto cego fundamental no coração do Outro, algo que anima a imagem fascinante com que ele nos captura. Por isso, Lacan afirma: “O amor (...) visa sempre, para além da captura imaginária, o ser do sujeito amado, sua particularidade e no que essa particularidade possa ter de mais opaco, de mais impensável”.<sup>14</sup> O amor-paixão, ligado a esses elementos opacos, que nunca enxerga tudo, é visionário. O amor-emoção, que só se liga ao que se pode ver é apenas, segundo Lacan, *Verliebtheit*, fascinação, ofuscamento e cegueira.

Compreende-se porque a paixão, diferentemente das emoções, pode nos levar além do mundo dos bens, das imagens do cotidiano, por visar a algo fora do sentido, das formas pré-estabelecidas. À paixão reservamos essa “carreira sem limites” do afeto que nos leva adiante, para o melhor ou o pior.<sup>15</sup>

Não apenas o amor tem esse poder; o ódio também pode levar à dissolução subjetiva. Além dele, Lacan acrescenta à lista a ignorância e na dança das três define a transferência. Nestas formas paradigmáticas a paixão se apresenta em uma análise. Não poderemos demonstrá-lo aqui, vamos assumir que são todas carreiras sem limites por estarem em relação com os rastros do real, a particularidade opaca indicada por Lacan.<sup>16</sup>

Não é à toa que a psicanálise ganhou o mundo e segue firme e forte. Seu trabalho é conduzido pela paixão. Não no que o termo assinala para o senso comum, de violenta perda de si, mas no sentido que definimos acima. Uma análise começa no momento em que se abre mão dos

---

<sup>12</sup> Ela apóia a ecologia ambiente segundo a qual devemos espelhar-nos nos outros habitantes do planeta para encontrar nosso verdadeiro lugar no mundo - todos irmãos diante da grande mãe natureza. Ferry, Luc. *A Nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem*, Rio de Janeiro, Difel, 2009.

<sup>13</sup> Lacan J. *O Seminário, livro 1*, Rio de Janeiro, JZE, 1986, p. 315.

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 316.

<sup>15</sup> *Ibid.* p. 316 e *EP*, p. 161 e 232.

<sup>16</sup> O amor, pelo sonho de fusão na entrega do que se tem e do que não se tem ao amado; o ódio, pela exigência de eliminar a todo preço o detalhe insuportável; e a ignorância pela insistência em tomar o rastro por pista e se enveredar na busca do saber a ponto de abandonar tudo o que se conhece (cf. Lacan, J. *Ibid.* p. 309 e *Escritos*, p. 627).

prazeres afetivos do semelhante em nome de algo mais, ainda desconhecido; quando passamos do amigo ao estranho, do contrato à aposta, e da emoção à paixão.<sup>17</sup>

### Ética

Ao privilegiar a paixão em lugar da emoção, Lacan introduz uma nova ferramenta para o analista com relação aos afetos. Em vez da analogia ou da fisiologia, a ética. O termo é de manuseio tão delicado, especialmente para ouvidos como os nossos, treinados a tachar de obscurantismo tudo o que não se possa colocar em números, que precisarei de um pequeno desvio para justificá-lo.

Primeiramente é preciso definir que jamais tomaremos o termo no sentido habitual de código de conduta. Ética e moral não serão, aqui, sinônimos. Lacan abre seu seminário sobre a ética da psicanálise com esta distinção, que faz da moral o conjunto das prescrições de conduta admitidas em uma época ou espaço coletivo determinado e da ética uma reflexão sobre a ação, sem necessariamente definição prévia de valores.

A promoção da ética em detrimento da moral é sustentada pela própria experiência analítica que em muitos aspectos é, segundo Lacan, um “retorno ao sentido da ação”, retorno ao significado do que fez o Outro conosco e do que com isto fizemos, para reformulá-lo, renegá-lo, ou endossá-lo, para que seja possível, enfim, uma nova relação com nossas ações.

É necessário deslocar o foco da moral quotidiana para a reflexão ética por mais uma razão, de longe a mais importante: uma análise se desenrola lidando necessariamente com coisas amorais, ou, como diz Lacan “fora do campo da moral”. A moral está necessariamente articulada ao consciente, o campo do eu, pois visa o que é melhor para o indivíduo dentro de uma comunidade, já uma análise lida “no primeiro plano” com “um campo muito grande do que para nós constitui o corpo de desejos sexuais” em seus aspectos menos confessáveis. É exatamente o que Aristóteles, paradigma para Lacan do conjunto de regras de conduta articuladas ao campo egóico, coloca “literalmente, fora do campo da moral,” “dentro da dimensão das anomalias *monstruosas*”.

Monstruoso? O termo precisa ser situado. Em tempos vitorianos, quando era a princípio monstruoso tudo que do campo da sexualidade excedia o espaço matrimonial e da reprodução, talvez fosse mais fácil perceber a posição extremada da psicanálise. Os tempos mudaram, mas a radicalidade é a mesma, pois sempre há algo monstruoso no desejo de cada um. Pode ser insignificante ou terrível, mas em cada caso será aquilo que não se tem como “assumir” por ser incompatível com o ego e que, por isso foi parasitar, a partir do inconsciente, a cena da consciência.

Admitir que todos temos esqueletos no armário não é a verdadeira novidade. O revolucionário na prática freudiana é que a morada de nossos monstros seja necessariamente o campo da sexualidade. É o que indica Freud quando distingue, neste grande campo, de um lado a reprodução, apanágio do eu e do coletivo, a serviço da raça e, do outro, o gozo, morada daquilo que no indivíduo resiste a seu papel de transmissor do germen e exige um lugar para si no mundo. Somos, dessa forma, sempre um eu, pronto a interagir alegremente com o mundo, e um *isso*, que carrega o que em nós mais vibra e que, por isso mesmo, leva à perdição do que em nós é comunidade. No sexo, bocas, pernas e mãos se confundem, não há relação, não há mãos dadas. O sexual, no sentido freudiano, espaço de diferença absoluta, sempre carrega consigo violência e morte. Vai contra as regras de vida do individual e força o eu no sentido de sua dissolução. É esse monstruoso da pulsão que devemos acrescentar ao que vimos nomeando como singularidade e que surge, em uma análise, sempre marcada pela violência de um desejo.

---

<sup>17</sup> Lacan J. *O Seminário, livro 1*, p. 314.

## Bem-dizer

A ética é um modo de tomar estes monstros que não se deixam aprisionar nem pelo sentido analógico, nem pelo numérico como parâmetro de nossa ação. Como? Como definir o que não tem nome como guia a não ser mergulhando nas profundezas do místico?

Lacan, então, ao final de seu seminário sobre a ética da psicanálise, coloca o desejo, bem próximo, neste contexto, do que estamos chamando de pulsão, no centro da ética psicanalítica, mas apenas ao preço de um paradoxo. Ele só pode ser parâmetro de nossa ação como “medida infinita”. Dez anos depois, porém, em “Televisão” encontra uma maneira de afastar o paradoxo ao deixar o desejo em segundo plano e definir a psicanálise como uma ética do bem-dizer.

Não é *dizer o Bem*, como se houvesse cura para a irremediável incapacidade da linguagem com relação ao real. Nem é tampouco *dizer bem*, instaurar o próprio discurso como ideal. É *dizer*, pois é ele que conta, não há como elevar-se acima dele. Somos o que dizemos. E é *bem* porque é o *dizer*, dentro das coordenadas significantes de uma existência, que dá ao desejo seu lugar, o de pequenos monstros cheios de vida, que sempre insistem sem consistir.

O destino dado à paixão em uma análise não é apenas o fato de que, ali, ela seja tanto amor quanto ódio e ignorância, nem o de que o analista se abstenha de colocar seus sentimentos a serviço do encontro analítico. É que numa análise a força da pulsão não ganhará exclusivamente o molde das emoções. A falta-a-ser do sujeito, o algo mais que sustenta a paixão, é trocada pelo *significante*.<sup>18</sup>

Repetindo: um significante não é um significado.<sup>19</sup> É o rastro deixado pelos encontros com o Outro, signo com que o ferro do discurso, em uma metáfora célebre de Lacan, marca seu gado.<sup>20</sup> Ele me distingue e define, mesmo que não me explique nada. É saber porque é letra, que se presta à leitura, sem ser, porém, sabedoria. Caso seja lido, haverá conhecimento, universal, fôrma que vem dar forma e continente ao gozo. Pode porém, manter-se em estado de traço, trilho por onde a vida escoar sem ser integralmente tomada pelo sentido.

Uma análise mobiliza os significantes inconscientes e, nisso, põe os afetos a trabalho de outro modo. Ela realiza, segundo Lacan, a catarse de maneira distinta, definida por sua tradução alternativa ao *katharsis* aristotélico: *purificação*. O termo não deve ser entendido como “elevação” ou “aperfeiçoamento”, mas sim como decantação.

Se na análise revive-se, como num cinema, os momentos cruciais de uma vida, este *revival* está a serviço de uma redução que extrai da grande epopéia de uma vida suas coordenadas essenciais. Boa parte dos significados que carregamos vão se concentrando em cenas fundamentais e ditos marcantes.<sup>21</sup> Passa-se, por exemplo, da guerra cotidiana com o chefe às agruras da infância sob o jugo de um pai autoritário até se chegar a um traço repetido que as várias cenas desse jugo vão cristalizando. São nomes e cores no limite do sentido e que por isso mesmo nos libertam dos afetos associados ao drama de partida. A tristeza das manhãs de silêncio ao lado do pai recém-divorciado perde o lugar quando o que se retém da vida

---

<sup>18</sup> As palavras têm, nos termos de Freud, o “poder mágico” de serem ao mesmo tempo matéria e anti-matéria, algo concreto, mas que pode sustentar um furo no conhecimento, como veremos no que segue (cf. Freud, S. *ESB*, vol. VII, p. 306).

<sup>19</sup> Do mesmo modo, o saber essencial em uma análise não é um conhecimento, um conteúdo de sentido que se pode adquirir, pesar, trocar etc. O saber que nos interessa é o saber inconsciente no sentido que lhe dá Lacan com seu gosto pelos paradoxos: um saber que não se sabe. É um significante que responde à paixão da transferência, cuja forma mais matematizada é a notação “Sq” (Cf. Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 253). Para o “saber que não se sabe” cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 20*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 129.

<sup>20</sup> Cf. Lacan J. *Escritos*, p. 629 e *EP*, p. 111.

<sup>21</sup> É o que resume J. A. Miller ao definir este aspecto da experiência analítica como “operação redução” *Ibid.* p. 297 e Miller, J. A. *O osso de uma análise*, Salvador, EBP-BA, 1998, pp. 59 e seguintes. Por isso Miller completa a operação redução com uma “conversão de perspectiva” que tentarei situar a partir de suas repercussões no plano dos afetos.

melancólica desses momentos não tem em si nenhum sentido dramático. Um modo de girar as chaves, um pigarro, a faca no pão vêm dissolver a névoa nostálgica em que se via emaranhado o sujeito.

O processo é, então, duplo. Por um lado, o excesso ganha a forma de afeto. Por outro, aquilo que do acontecimento resta não convertido em afeto, perde sua monstruosidade e simplesmente reluz. É a esta purificação que se refere Lacan. Ela acompanha o que se passa no plano da narrativa, onde o romance se torna *hai-cai*.<sup>22</sup>

A este psiu de luz que acompanha os traçados de uma análise, Lacan chamou *entusiasmo*. No entanto, nem exatamente alegria, ou euforia, felicidade ou animação, não há como aprisionar o entusiasmo lacaniano em um registro afetivo específico, nem mesmo, como demonstrou recentemente J. A. Miller, naquilo que a cultura costuma chamar de entusiasmo.<sup>23</sup>

Não é emoção, nem paixão, pois (assim como a angústia, de que não poderemos tratar aqui) se situa no limite do campo afetivo. É apenas o tanto de libido que retorna quando nos liberamos do sentido; quando o traço muda de estatuto e passa de pista a marca - marco do surgimento de um “é isso” no lugar do “talvez não seja bem assim” de sempre.<sup>24,25</sup>

### Riso

O entusiasmo, no entanto, é apenas efeito. A ética do bem-dizer não incide diretamente sobre os afetos, mas sobre o dizer. Neste sentido ela tem ao menos uma virtude, definida por Lacan como *gaio issaber* [*gay sçavoir*], em referência a Nietzsche, certamente, mas também a Espinosa. O vigor dançarino de Dionísio e a alegria como paixão do que nos aumenta a potência de agir poderiam ser caminhos para nos aproximarmos do que Lacan parece indicar. Seguirei, porém, outra via com o contra-exemplo que fornece de Dante. Sabe-se que quando ele viu Beatriz, uma única vez, apaixonou-se pelo resto da vida. Bastou um divino detalhe, um olhar, um “batimento de pálpebra” para sua paixão durar nesse e noutros mundos (ela chega a aparecer no inferno para ajudá-lo, quando em sua Divina Comédia se vê perdido).

No extremo oposto da fixação de Dante no objeto de sua paixão, o *gaio issaber* é, segundo Lacan, deixar-se fisgar pelo sentido, sem nele se “envisgar”. Em lugar de erigir para nossos monstros um sentido maior, com a força do divino, pode-se retroceder aos limites do sentido,

---

<sup>22</sup> “Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misantropo. Debrucei-me. Noite sem lua, concha sem pérola. Só silhuetas de árvores. E um vaga-lume lanterneiro, que riscou um psiu de luz” (Rosa, Guimarães, “Minha gente”, *Sagarana*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 211).

<sup>23</sup> Freud, *S. ESB*, vol. XIV, p. 287 e *EP*, p. 223. Assim entendo a recente crítica de J. A. Miller, ao entusiasmo. Ali, ele opõe o entusiasmo, como estado, ao essencial de uma análise, não necessariamente como o que defino aqui como “elã”, como oposto ao temor e à piedade (cf. Lacan, J. O Seminário Livro 7, p. 298 e Miller, J. A. “Coisas de Fineza”, *A orientação Lacaniana*, inédito, lição de 26/11/2008).

<sup>24</sup> Como se vincula a um não-sentido, não está no Outro da significação. Não há como reconhecê-lo pelas formas pré-definidas dos sentimentos da cultura. Por isso mesmo, não tem como durar, pois apenas aquilo que faz sentido para além de uma vivência singular, que faz parte da experiência compartilhada, se inscreve na duração. Não é nada que se possa conhecer ou controlar. Lacan, J. *O Seminário, livro 10*, p. 142.

<sup>25</sup> É bem verdade que, apesar de sem essência, o entusiasmo em análise tem endereço, a transferência, o analista em última instância. Talvez por isso apresente-se mais do que o habitual, levando a tirada lacaniana segundo a qual se deveria estudar o fato de que pouco se adoeça em análise, Lacan chega a sugerir que os seguros-saúde cobrem dos analisantes uma tarifa reduzida. Prova maior de que não há como tomar este elã como matéria-prima de nossa ação, posto que efeito secundário incalculável, é que só pelo absurdo materializa-se este mais de vida que não tem lugar na vida que se leva. No entanto, ‘se não há entusiasmo houve análise, mas não analista’, escreve Lacan em uma célebre formulação de sua “Nota Italiana”. Foi o que engendrou em nosso meio o estereótipo do analista-entusiasmado, muito pertinentemente criticado por J.A. Miller. “Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance” (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 313). Destaca-se a importância da crítica de J. A. Miller ao estereótipo do “analista entusiasmado”. Se algum estado afetivo deve designar o exercício da psicanálise, que ela seja o desapego (cf. Miller, J. A. *Ibid*, Cf. ainda Laurent, E. “La passe entre enthousiasme et béatitude”, *Quarto*, n. 31, 1988, apud *EP*, p. 225).

às raízes de pura contingência desses elementos significantes e construir com eles a *cena primária* de suas coordenadas de gozo.

Enquanto o entusiasmo resvala em uma ética do elevamento, sublimatório, da promoção de um fora do sentido etéreo, o gaio saber de Lacan nos afasta da divinização do vazio e nos põe os pés no chão por deixar evidente o quanto o *nonsense* do riso é impossível sem as palavras.

Não é uma técnica. É percorrer as arestas da vida, pronto para pegar alguma coisa em uma ação que Lacan caracteriza como *piquer*, que significa “roubar”, mas também “furar”, “espetar” e que se afina com o que J. A. Miller define como “senso da oportunidade”. Esse trabalho de construção pode ser vivido com o sentido do divino, do escândalo, da vergonha ou do horror. Com seu gaio saber, Lacan nos lembra que nisso pode-se também rir.

Estamos sempre às voltas com o grandioso e o ridículo de nossas ações e pretensões. Afora essa comédia humana básica - dos erros cometidos ao absurdos de que somos capazes, do *nonsense* com o qual flertamos aos chistes que nos dizem -, as formações do inconsciente exploradas por Freud demonstram como somos capazes de viver algo mais. Lacan distribui este algo mais da experiência analítica na manifestação de algo que em nós sonha, ri e fracassa.<sup>26</sup>

Os sonhos balançam as certezas apoiadas no “pão-pão, queijo-queijo” da realidade quotidiana por apresentar um real que, mesmo ensandecido, às vezes vale mais. Os tropeços e seus fracassos nos guardam das curas e soluções onipotentes e conduzem ao estilo, que só desponta quando em nossas obras os vícios são coautores. Finalmente, o riso assinala como a paixão pode ser divertida. Com ele, quero concluir.

Não me refiro à gargalhada provocada pela comédia. Mesmo em sua versão pastelão, caricata e reduzida, da torta no rosto do chefe, ela sempre deve sua força a um triunfo. É descarga resolvendo um acúmulo de tensão, mas invariavelmente tomada em um contexto épico, de opressão e libertação. Já o riso de que fala Freud é o de um gozo liberado da epopeia, que economiza o drama e apenas se diverte.

Ele só é possível graças à liberdade com relação ao cristal da língua, que caracteriza as formações do inconsciente. Estas não são constituídas pelo comovente das significações, mas pela argamassa invisível do discurso, os significantes. São tributárias do que Freud chamou processo primário, em nada primitivo, apenas mais afeito à matéria-prima da linguagem do que às abstrações cômicas por ela sustentadas.

Uma análise aposta nas recomposições desta matéria-prima levadas às últimas consequências. Quando deixamos de buscar o segredo, não porque perdemos a fé na busca, mas sim no próprio segredo; quando rastros tornam-se apenas balizas, a relação com a alteridade se modifica. As pistas imperavam, renovavam-se e multiplicavam-se, mas todas conduziam ao mesmo culpado, um Outro sempre fora do alcance. Tornadas, agora, apenas letras, as coisas mudam de lugar. Elas são relativamente fixas, mas seu Outro é sempre outro, pois tornam-se o modo singular de soletrar os encontros com os que cruzam nosso caminho.

O elã se desprende da relação com o analista e passa a habitar o exercício destas balizas, constituindo, na prática, nova paixão. Fazer caber esta satisfação na vida que se leva é a exigência ética a presidir o dispositivo analítico. Surpresa: levada a sério, esta exigência descobre, na raiz do sentimento, a certeza de que, só espremida nas entrelinhas do viver, a vida se oferece. O riso é inevitável, irônica satisfação com o fora de esquadro da existência, sempre composta em grande colagem surrealista.

---

<sup>26</sup> [ça rêve, ça rit, ça rate]